ISSN: 2177-160X CDD

Embornal

Processo Civilizador Capitalista e Tradução nas Cidades do Ceará (1860-1930): Agentes e Coisas

Vol. VI, Nº 12 – julho-dezembro, 2015.



Organização

Antônio de Pádua Santiago de Freitas
Altemar da Costa Muniz
Tito Leal Barros
Ana Alice Miranda Menescal

Revista Eletrônica da Associação Nacional de História / Seção Ceará.
Fortaleza, Vol. VI, Nº 12 – julho - dezembro, 2015.

Dossiê:

Processo Civilizador Capitalista e Tradução nas Cidades do Ceará (1860-1930):
Agentes e Coisas

Organização: *Antônio de Pádua Santiago de Freitas*
Altemar da Costa Muniz
Ana Alice Miranda Menescal
Tito Barros Leal

EDITORIA
Profa. Ma. Carla Silvino de Oliveira
Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso
Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz
Prof. Dr. Francisco Egberto de Melo
Prof. Me. Francisco Antônio da Silva
Profa. Ma. Nágila Maia de Morais
Profa. Ma. Vanessa Nascimento de Souza

CONSELHO EDITORIAL
Prof. Dr. Agenor Soares S. Júnior (UVA)
Prof. Dr. Amilcar Manuel Ribeiro Guerra (Universidade de Lisboa)
Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza (UFCG)
Profa. Dra. AnaMaría Alarcón Jiménez (INET / Universidade Nova de Lisboa)
Profa. Dra. Ana Maria Seabra de Almeida Rodrigues (Universidade de Lisboa)
Prof. Dr. Antonio Paulo Rezende (UFPE)
Prof. Dr. Bart Paul Vanspauwen (INET / Universidade Nova de Lisboa)
Prof. Dr. Benito Bisso Schimidt (UFRGS)
Prof. Dr. Durval Muniz Albuquerque Júnior (UFRN)
Prof. Dr. Francisco Carlos Jacinto Barbosa (UECE)
Prof. Dr. Francisco Contente Domingues (Universidade de Lisboa)
Prof. Dr. Francisco José Gomes Damasceno (UECE)
Prof. Dr. Gerson Gallo Ledezma (UNILA)
Profa. Dra. Gisele Martins Venâncio (UFF)
Profa. Dra. Isabel Cristina Martins Guillen (UFPE)
Prof. Dr. Itamar Freitas (UFS)
Prof. Dr. Jurandir Malerba (PUCRS)
Prof. Dr. Marcelo Peloggio (UFC)
Profa. Dra. Maria de Fátima di Gregorio (UESB/UNEB)
Profa. Dra. María Gabriela Micheletti (IDEHESI / CONICET)
Profa. Dra. Maria Leonor García da Cruz (Universidade de Lisboa)
Prof. Dr. Renato Amado Peixoto (UFRN)
Prof. Dr. Ronaldo Vainfas (UFF)
Prof. Dr. Sérgio Campos Matos (Universidade de Lisboa)
Profa. Dra. Simone Luci Pereira (UNIRIO)
Prof. Dr. Temístocles Cezar (UFRGS)
Prof. Dr. Valdei Araújo (UFOP)
Profa. Dra. Salwa El-Shawan de Castelo Branco (Universidade Nova de LIsboa)

EXPEDIENTE

EDIÇÃO
Adauto Rufino de Lima Neto

CAPA
Autoria: Adauto Neto
Contato: netorufino25@gmail.com

Ficha Catalográfica
Embornal, Revista eletrônica da ANPUH-CE
Vol. VI, nº 12, jul/dez de 2015, Ceará.
ISSN: 2177-160X CDD

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA – SECÇÃO CEARÁ
Avenida Paranjana, 1700, Bairro Itapery.

CEP 60740-903, Mestrado Acadêmico de História da UECE.

Fortaleza-CE (85) 9624-3835

www.ce.anpuh.org / anpuhceara@gmail.com

Sumário

Apresentação..04

Artigos

Mobiliário: Cadeiras Austríacas e Tradução (1890 - 1920)
Wesley Nazareno Queiroz 08

Desenvolvimento da Atividade Panificadora na Cidade de Fortaleza (1895 - 1915)
Carlos César da Silva Marinho..17

Mobília e Sala de Visita: Analisando o Processo Civilizador a Partir dos Objetos Domesticos das Familias Abastadas de Fortaleza (1871-1910)
Luã Rodrigues Lopes..28

LAracati como Terra Prometida: O Caso dos Franco-Judeus no Ceará
Eustáquio Gonzaga Alvarenga Júnior..50

Produção e Consumo do Destilado de Cana-de-Açúcar na Cidade do Crato em Meados do Século XIX
Davi Nobre Mesquita..62

Os Compromissos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Quixeramobim-Ce: Gerenciamento dos Bens Através dos Atores e das Coisas
Luciana Maria Pimentel Fernandes..74

Entre Pratos, Tigelas e Travessas: Um Breve Estudo Sobre o Consumo de Louças Europeias Pela Elite Aracatiense (1850 – 1890)
Ana Paula Gomes Bezerra..93

Arquitetura Do Ferro – Uma Trajetória Da Inovação: Da Europa Para A Cidade De Fortaleza (1880- 1910)
Maria Claudia Vidal Lima Silva..112

Vestindo Uma Cidade: A Importâcia dos Elementos da Vestimenta na Fortaleza dos Anos de 1925 e 1926
Erica Souza Pinto 129

PROCESSO CIVILIZADOR CAPITALISTA E TRADUÇÃO NAS CIDADES DO CEARÁ (1860-1930): AGENTES E COISAS

APRESENTAÇÃO

A cultura material tem um recorte temporal e espacial. Por isso, no nosso trabalho, entenderemos cultura material ligada ao que denominamos de tradução do processo civilizador capitalista da segunda europeização no Ceará, entre os anos de 1860 e 1930. Trata-se, portanto, quando falamos de segunda europeização, dos encontros culturais entre os agentes europeus e os agentes locais da tradução daquele processo civilizador capitalista no Ceará. Encontros mediados pelas sociabilidades que as coisas propiciam. Três aspectos nos parecem importantes para apreendermos a tradução do processo civilizador capitalista, do ponto de vista da cultura material: as empresas e as coisas mediadoras dos encontros culturais; e os homens que, com suas relações, tanto materiais como afetivas, vão tecendo a paisagem específica do processo civilizador capitalista no Ceará. O que chamamos de tradução da civilização.

A definição de cultura material aqui é compreendida a partir da relação entre seu papel de consumo, função sígnica e a produção social dos indivíduos. Nessa perspectiva, que é também a de Marcelo Rede, "a cultura material é equacionada a um sistema de comunicação por meio do qual as sociedades criam e expressam conteúdos discursivos de modo semelhante ao que ocorre com os códigos verbais" (REDE: 2012, p. 138). Portanto, a cultura material, é a dimensão física da vida humana constantemente sujeita aos sentidos atribuídos nas interações sociais. Não se trata somente da ação do homem transformando as coisas, mas, sobretudo, das representações e das práticas que constituem a ação social e sua impossibilidade sem a existência das coisas. Trata-se, portanto, da 'relação entre o homem e os objetos (sendo aliás o próprio homem , em seu corpo físico, um objeto material), pois o homem não pode estar ausente quando se trata de cultura" (PESEZ: 2005, p. 242)

A cultura material é também temporalidade porque espelham as contextualizações. As coisas produzidas e consumidas no Ceará, no período do processo civilizador capitalista da primeira europeização, hegemonicamente portuguesa (1603-1860), são diferentes da segunda europeização, hegemonicamente inglesa, francesa e alemã (1860-1930). As coisas da primeira europeização são preponderantemente as da pecuária, cuja matéria-prima era a carne e o couro bovino. As coisas da segunda europeização estão ligadas ao algodão, ao ferro e, em seguida, a uma variedade de matéria prima decorrentes da Revolução Industrial. Ou seja, "longe de formar um cenário estático, também as coisas físicas têm uma trajetória, uma vida social com sucessivas mutações" (REDE: 2012, p. 147).

Depreende-se daí que trataremos de um contexto específico, o da "segunda europeização", que encontra na produção do algodão sua matéria-prima e, em Fortaleza, sua centralização econômica, social, política e cultural, não deixando de fazer, porém, uma incursão no período anterior. A segunda europeização é a da chegada das primeiras empresas inglesas e francesas e, consequentemente, inauguração de um novo ambiente de produção e consumo no Ceará.

A nossa pesquisa sobre cultura material nos levou para duas categorias estratégicas: "processo civilizador capitalista" e "tradução civilizacional". No que concerne à categoria "processo civilizador capitalista", ela é, antes de tudo, um processo civilizador (ELIAS, 1993), uma experiência complexa (MORIN: 2012) dos investimentos do capital material e do capital simbólico (BOURDIEU: 2003), cujo investimento sobre a população (FOUCAULT: 1979) se constitui no modelo contextualmente hegemônico de bem-estar e estar bem no mundo. Este modelo, por sua vez, se alimenta e se retroalimenta dos encontros entre agentes das cultur-

as contextualmente hegemônicas e agentes das culturas em processo de tradução do processo civilizador capitalista. Por isso, tanto podemos pensar em termos de cultura material ou, como propôs Braudel, em termos de "civilização material", "vida material": os homens, os alimentos e as bebidas, as técnicas e as cidades (BRAUDEL: 1996).

A materialidade do processo civilizador capitalista, do ponto de vista de seus investimentos, é a organização do capital material e do capital simbólico na dimensão da economia-mundo (WALLERSTEIN: 2001), orientada pela produção de saberes que racionalizam a produção, o consumo material, as individuações e as interdependências necessárias para a internacionalização de sua mundialização (MICHALET: 2003). Assim, na contradição entre o racional e o irracional, os planos e as contingências definem a estética, elabora os códigos ético-espirituais e os direitos de contenção das exacerbações ego-narcísicas da acumulação de capital causadas pelo valor das coisas. Estes aspectos não trabalharemos aqui.

No que diz respeito a categoria "tradução da civilização", para defini-la começaremos por afirmar que ela não reconhece explicações sobre o atraso do capitalismo brasileiro em relação ao norte-americano, inglês ou francês e, consequentemente, não incorpora as argumentações do atraso cearense comparado com outros estados do Brasil. Na história dos encontros culturais que aqui analisamos, concluímos que os hibridismos, a exemplo de mestiçagem, imitação, apropriação, acomodação ou aculturação, não são suficientes para dar contar dos trânsitos culturais, devido as "deformações" necessárias que o trânsito provoca tanto na tradução das ideias como na tradução dos usos das mercadorias, das coisas "civilizantes". Vamos preferir utilizar a categoria tradução concordando com Burke que vê nele um termo neutro, "com associações de relativismo cultural. Esta foi de fato uma das razões de seu apelo original para os antropólogos" (BURKE: 2003, p. 58/9).

Por mais que se imite não conseguimos, e não é uma questão de desejo, sermos ou transpormos os modos de utilização das mercadorias exatamente como os franceses, os ingleses ou os norte-americanos o fizeram ou fazem. O processo civilizador é homogeneidade na diferença. As historicidades das culturas "locais" deformam os "imperialismos", as "culturas dominantes". Se o processo civilizador capitalista é homogeneidade na diferença não é por uma questão de democracia, de alteridade, mas devido aos limites causados pelos trânsitos complexos entre as culturas contextualmente hegemônicas e as não-hegemônicas. A tradução é, nesse caso, uma "zona de intersecção cultural" com influências "para cima" (a mundialização do processo civilizador capitalista) e influências "para baixo" (traduções da civilização). Ou seja, a tradução da civilização é o processo civilizador capitalista agregado de suas "natividades" históricas. É a categoria que "tem a vantagem de enfatizar o trabalho que tem que ser feito por indivíduos ou grupos para domesticar o que é estrangeiro" (BURKER: 2003, p58). A tradução, numa certa medida, não seria a biografia das coisas que, no contexto de encontros culturais, mostra que "o que é significativo sobre adoção de objetos estrangeiros – ideias estrangeiras – não é a sua adoção, mas sim a maneira pela qual eles são aculturadamente redefinido e colocados em uso?" (KOPITTOF: 2008, p. 93).

Um dos aspectos importante da tradução cultural é a cultura material, as coisas, as mercadorias e sua propiciação de momentos e sociabilidades diversas. Da praça de compra e de venda ao consumo público, privado, do acordar ao deitar, do amor ao ódio, do repouso ao suplício as mercadorias estão lá. Elas não só fazem parte do que é mais visível, mas do que define o processo civilizador capitalista. Por isso, talvez, é que Igor Koppitof veja na mercantilização o processo de transformação do sistema em sua "totalidade", pois uma "biografia econômica culturalmente informada de um objeto o encarará como uma entidade culturalmente construída, dotada de significados culturalmente específicos e classificada e reclassificada em categorias culturalmente constituídas" (KOPITTOF: 2008, p. 94).

O presente trabalho, portanto, trata de compreender o processo civilizador capitalista, da segunda europeização, a partir da tradução da materialidade da vida; do seu deslocamento da

capital, Fortaleza, para as outras cidades do Ceará (Aracati, Crato, Sobral, Quixadá) e entender como essa materialidade se modificou enquanto transformou paisagens e relações sociais. Os encontros entre estrangeiros e população nativa foram se impondo sobre a persistente primeira europeização, da pecuária, e "atualizando" suas formas de produzir, consumir e "amar" a partir das influências europeias. Essas transformações causadas pelos agentes do "imperialismo informal" (estrangeiros e nativos) modificaram as práticas comerciais e industriais, o conceito de organização da espacialidade urbana, assim como dos materiais de construção (introdução do ferro, por exemplo), o ambiente do interior das casas (novos design dos móveis e dos objetos de higiene pessoal), das vestimentas, de bebidas (vinhos do porto, chapagnes francesas etc), de comidas (fois gras, manteiga inglesa etc).

Esperamos que gostem tanto como nós que estudamos e trabalhos nestes temas.

Boa leitura.

Organizadores
Antônio de Pádua Santiago de Freitas
Altemar da Costa Muniz
Ana Alice Miranda Menescal
Tito Barros Leal

REFERÊNCIAS

BURKER, Peter. Hibridismo cultural. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Volume 2: Formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Ed.16ª. Rio de Janeiro: Graal. 2001.

FREYRE, Gilberto. Os ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. 3ª edição, Rio de Janeiro: Top Books Editora/UniverCidade, 2000.

GAY, Peter. O século de Schnitzler: a formação da cultura de classe média (1815-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIRÃO, Raimundo. Um Studart Ilustre. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, Ano LXXXVIII, 1974.

LIMA, Herman. Imagens do Ceará. 2ª edição, Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1997, 158p.

MACFARLANE, Alan. A cultura do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

MAYER, Arno. A força da tradição: a persistência do antigo regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MENEZES, Raimundo de. Coisas que o tempo levou: crônicas históricas da Fortaleza antiga. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. (Clássicos cearenses; 2).

MICHALET, Charles-Albert. O que é mundialização: pequeno tratado para o uso dos que ainda não sabem se devem ser a favor ou contra. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MORIN, Edgar. O método 5: A humanidade da humanidade – a identidade humana. 5ª edição – Porto Alegre: Sulina, 2012.

MOTA, Francisco de Assis Sousa. A secular Casa Boris e a importância de seu arquivo. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.

NOBRE, G. O processo histórico de industrialização do Ceará. Fortaleza: SENAI/DR-CE, 1989.

OPYTTOFF. Igor. A biografia cultural das coisa: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

PESEZ, Jean-Marie. História da cultura material. In: LE GOFF, Jacques , CHARTIER, Roger. A história Nova. 5ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REDE, Marcelo. História e cultura material. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SCHIMMELFENG, Gisela Paschen. Aparticipação alemã no desenvolvimento sócio-econômico do Ceará. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará - NUDOC/Stylus Comunicações, 1989. (Memória e Documentos, 2).

SOUZA, JOSÉ Bonifácio de. Associação Comercial do Ceará (1868-1968); Memória Histórica. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1968.

STUDART, Guilherme (Barão de Studart). Estrangeiros e Ceará. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, Ano XXXII, 1918.

TAKEYA, Denise Monteiro. Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

TEÓFILO. Rodolfo. A fome; Violação. Rio de janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979. (Coleção Dolor Barreira; v. n. 2).

WALLERSTEIN, Immanuel. Capitalismo histórico e civilização capitalista. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.